

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2002- ANO V - Nº 60

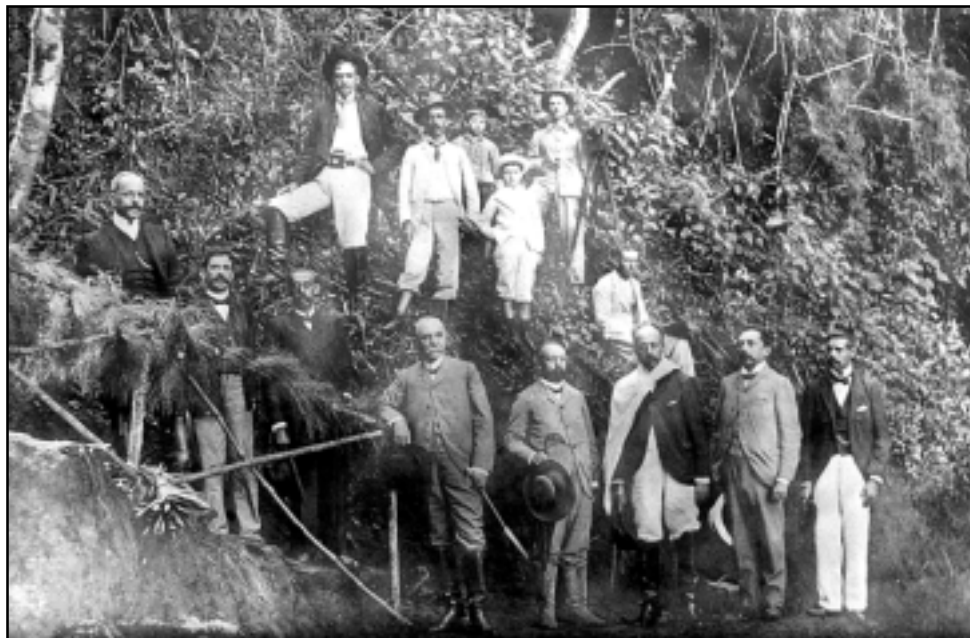
EDITORIAL

Os meios de comunicação veicularam, no decorrer do ano passado, a exemplo de outros países, iniciativas de trabalho voluntário que aconteceram por todo o Brasil.

A ONU (Organização das Nações Unidas) havia determinado que aquele ano fosse internacionalmente dedicado ao voluntariado. A mídia abraçou a campanha, conseguindo mobilizar e sensibilizar a população a engajar-se nessa luta. O resultado foi positivo. A sociedade civil prontamente respondeu à mensagem de que a doação de tempo e trabalho em prol da comunidade pode provocar verdadeira transformação na nossa realidade. A campanha do voluntariado teve grande adesão por parte da população, que viu nessa ação uma grande oportunidade para exercer a cidadania, imprescindível às desejadas transformações sociais.

É preciso o empenho de todos se quisermos mudar nossa sociedade. O Brasil amarga o vergonhoso título de ter uma das maiores desigualdades sociais do mundo. Quase a metade de nossa população vive abaixo da linha da pobreza. Somos, segundo a ONU, a quarta pior distribuição de renda do planeta. Carecemos de lideranças que queiram tomar a frente de algum trabalho social. Nossos governantes são poucos sensíveis ou incapazes de buscar alternativas para equacionar os diversos problemas nas áreas de saúde, educação, meio-ambiente, cultura e reverter, assim, esta situação.

O Ano Internacional do Voluntariado despertou em uma parcela significativa de nossa sociedade o gosto pelo trabalho cujo objetivo é contribuir fraternalmente para a melhoria da qualidade de vida da população. Com o crescimento da conscientização de que muito precisa ser feito para o nosso aprimoramento social, aumentam também nossa responsabilidade e o compromisso para com as futuras gerações. Acreditamos que neste novo ano deva haver continuidade desses trabalhos. Dessa maneira, 2002 será melhor que o ano anterior se novos adeptos se sensibilizarem e aderirem a novas causas voluntárias.



Em primeiro plano, o Mal. Mallet, o Barão da Bocaina, Arnolfo de Azevedo e integrantes da comissão formada para a escolha do local para construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em janeiro de 1902.

O centenário da visita de Mallet a Piquete

Há cem anos, ao meio dia de 9-01-1902, a Câmara Municipal da Vila Vieira do Piquete reuniu-se extraordinariamente, convocada pelo seu presidente, vereador Custódio Vieira da Silva Júnior, para tratar da recepção que a municipalidade deveria oferecer ao Marechal Mallet, Ministro da Guerra do governo Campos Salles.

Nossa edilidade foi surpreendida pela notícia oficial, já ventilada na pequena Vila havia alguns dias. Aprovou, em caráter de urgência, a quantia suficiente necessária a ser gasta com a recepção oficial do marechal Ministro da Guerra e também uma indicação para que o Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo representasse essa Câmara quando da chegada do Ministro a Lorena. Foi nomeada também uma comissão para ornamentação do edifício que hospedaria o ilustre visitante.

A Vila do Piquete, bem como Lorena, viveram dias de grande reboliço, com a expectativa da chegada da comitiva ministerial. Vinham a convite do Barão da Bocaina, Francisco de Paula Vicente de Azevedo, escolher em terras do Piquete ou nos altos da Mantiqueira um local para a instalação de um sanatório militar e de uma fábrica de pólvora sem fumaça. Sabia-se, também, que um ramal férreo seria construído ligando Lorena até essas obras. Assim, toda a população se mobilizou para a recepção.

A região vivia um período de estagnação econômica. O desemprego era grande. A punjante civilização do café construída no século anterior era passado. O café havia migrado para melhores terras do oeste paulista e, com ele, grandes fortunas. A recém-emancipada Vila do Piquete, sem expectativas, colhia os últimos frutos de

velhos cafeeiros. Os cofres públicos, vazios, não possibilitavam nenhuma obra significativa para a Vila. Assim, o Ministro Mallet foi muito bem recepcionado pelos piquetenses, em 11-01-1902, sendo hospedado pelo Ten. José Mariano Ribeiro da Silva, no Hotel Santa Cruz, onde pernitoou. No dia seguinte, seguiu para São Francisco dos Campos, lugarejo criado pelo Barão da Bocaina no alto da Mantiqueira, onde permaneceu por três dias, retornando após ter cumprido sua missão. O sanatório militar seria edificado na região de Lavrinhas, próxima a São Francisco, e a fábrica de pólvoras, na região do Benfica, em Piquete. Determinou, também, de imediato, a criação da comissão construtora do ramal férreo Lorena – Bemfica, sob a direção do Cel. Belarmino de Mendonça, que se instalou, gratuitamente, na Fazenda Amarela. Formou, também, a comissão construtora do Sanatório Militar de Lavrinhas, sendo encarregado de comandá-la o Ten. Cel. Dr. João Teixeira Maia, que para lá se dirigiu em 24-02-1902. As obras tiveram início imediato. Piquete, bem como Lorena, passaram, a partir de então, a contar no seu dia-a-dia com a presença cada vez mais constante de militares do Exército, que se integraram com a população e influenciaram, com seu exemplo de disciplina, patriotismo e cidadania, a sociedade.

Neste janeiro comemoramos os 100 anos dessa histórica viagem. Devemos ao Marechal Mallet o crescimento e desenvolvimento de Piquete num momento crítico de sua história e, como herança dessa viagem, mantemos, orgulhosos, a FPV, que sustentou e educou gerações de piquetenses.

Imagem - Memória



O Bispo D. José Melhado (ao centro), assentando a pedra fundamental da nova matriz. A partir da direita: Sr. Antônio de Assis, Antônio Costa Gomes, Alony Oswaldo Soares, Cônego Gabriel Hiran, Prefeito Luiz Vieira Soares, Dr. José Amoroso, Antônio Roque, Pe. Francisco Cândido, Ver. José Leite, Cap. Mesquita e o jornalista Domingos José Antunes. Foto de 9 de outubro de 1960, tirada por Dogmar Brasilino.

Lançamento da Pedra Fundamental da Nova Matriz

No final dos anos 30, um amplo projeto de ampliação da Fábrica de Pólvora de Piquete levou à contratação de grande número de operários. Consequentemente, houve um crescimento de nossa população. Iniciou-se uma política social de assistência aos funcionários e a construção de vilas operárias. Cresceu a cidade, com mudança na geografia urbana e dilatação de seu perímetro, que se aproximou da Mantiqueira.

A Matriz de São Miguel, ao redor da qual o primitivo núcleo urbano se desenvolveu, tornou-se pequena.

O crescente progresso e o aumento da população católica exigiam a construção de uma nova Matriz, que fosse, ao mesmo tempo, demonstração da fé dos moradores e atestado futuro da força religiosa do povo.

Assim, em junho de 1960, com autorização da Cúria Diocesana, foi adquirido um amplo terreno na Rua Cel. Luiz Relvas, região central da cidade, para a construção da nova igreja. Em outubro desse mesmo ano, quando da visita pastoral do 3º Bispo de Lorena, D. José Melhado Campos, à Paróquia de São Miguel, a idéia da nova matriz era ventilada toda hora. Foi elaborado para a ocasião um extenso programa do qual constou, além de crismas e ofícios religiosos, uma visita à parte social da FPPV e às obras da Santa Casa. No edifício da prefeitura instalou-se a Sessão Solene, à qual compareceram autoridades civis, militares e a comunidade. O presidente da Câmara, Ver. Alony O. Soares, conduziu os trabalhos. O Ver. Prof. José Armando de C. Ferreira saudou o homenageado. Após, falou o prefeito Luiz Vieira Soares,

assumindo, a seguir, a tribuna, D. José Melhado Campos, que, com sua conhecida simplicidade, proferiu grande peça oratória, concitando todos a trabalhar de mãos dadas pelo engrandecimento de Piquete e da Religião, lutando pelo bem-estar do povo.

Encerrando a Sessão, à saída do edifício, o vereador Gabriel Benficia Nunes falou ao bispo do desejo e disposição de todos para ereção da nova matriz. Estabeleceu-se, logo, uma "mesa redonda", demonstrando D. Melhado Campos sua grande compreensão e aquiescência.

Ficou então deliberado o lançamento da pedra fundamental para o domingo, dia 9 de outubro, às 11h. Essa solenidade contou com a presença de inúmeras pessoas e autoridades civis, militares e eclesiásticas. Nessa ocasião, foi iniciada a campanha, por um grupo de senhoras, para angariar tijolos e outros donativos a fim de levar a bom êxito as obras do novo templo católico. Sobre o acontecimento falaram o professor João Vieira Soares e o Cônego Gabriel Hiran, encerrando com palavras de estímulo o bispo diocesano. Essa visita encheu de ânimo os piquetenses. O assunto na cidade passou a ser a futura matriz, e toda a população se mobilizou.

No mês seguinte, no dia 20, reuniu-se a comissão de senhoras encarregadas da campanha para a construção da igreja. Foi constituída tesoureira da comissão d. Carmem Amoroso, que prestou contas do total já arrecadado no livro de ouro, isto é, Cr\$ 157.000,00. Esse total correspondia às doações dos senhores Oswaldo Coelho

Nunes, Expedito Ferreira, José Bertolino Ribeiro, Vicente Freitas, Brigadeiro Ovídio Beraldo, Ismael Marque, Osvaldo Beraldo, Diocesano Ramos, Dr. José Amoroso, Dr. Vitório Amoroso, Antônio Teixeira Neto, Arthur Alves, José Gomes Siqueira, Ari de Melo Franco, José Leite da Silva e José Crispim Meireles. Foram estas as primeiras contribuições para as obras. Ao terminar a reunião, o vigário de Piquete, Pe. Gabriel Hiran, agradeceu o eficiente trabalho da comissão e a boa vontade dos que haviam colaborado para essa grande obra. A partir daí, num trabalho constante, que teve à frente a carismática figura do Dr. José Amoroso, a população se empenhou cada vez mais para a construção de nossa nova matriz. AC

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1.000 exemplares

Impressão

Gráfica e Editora HL2 - Tel: (12) 552-8388

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Carmem Amoroso

Figura carismática, a irradiar simpatia, com sua voz pausada transmite paz e tranqüilidade – talvez devido aos vários anos de yoga, que ainda pratica – a paulistana Carmem Amoroso é a 4ª dos cinco filhos do casal Bento Gomes Amoroso e Antônia Giaffoni Amoroso. Formou-se no curso clássico, no Colégio Estadual Presidente Roosevelt. Cursou também Magistério na Escola Normal Padre Anchieta, no bairro do Brás, em São Paulo. Formou-se, ainda, no curso de piano pelo Instituto Musical de São Paulo.

Lecionou no ensino primário, em São Paulo, até 1950, quando se casou com José Amoroso, seu primo, jovem médico que assumia naquele ano o Posto de Saúde da cidade de Piquete, mudando-se, então, para nossa cidade.

Conta que Piquete, há 50 anos, era muito diferente. Testemunhou a época de ouro da Fábrica Presidente Vargas, quando esta oferecia cursos profissionalizantes. Muitas pessoas deles se beneficiaram, concluindo seus estudos mesmo depois de adultos e casados. Recordar-se das professoras formadas no Departamento de Educação da Fábrica: Odete Armando, Maria Justina Eklund, Vera Meireles e Dulce Damico, que se destacaram no Magistério. Cita também Geraldo Ferreira Pinto, Maurício Pesciotta, José Maria Pereira e Paulo Rosas como exemplos de dedicação na área da saúde.

Logo que chegou a Piquete, apaixonou-se pela cidade e seu povo: “Todos eram grandes ‘conversadores’: crianças e adultos tinham assunto sempre”.

A cidade vivia dependente da FPV. Lembra que até a energia elétrica era fornecida pela REPI. Os jovens aspiravam unicamente a um emprego na Fábrica. Ela estranhava essa falta de horizontes de pessoas que reconhecia serem capazes e talentosas.

D. Carmem teve quatro filhos: Betânia, Marta, Maria Carmem e José Amoroso Filho. Todos moraram e estudaram em Piquete até ingressarem no curso superior. Além da dedicação ao marido e aos filhos, sempre foi uma cidadã atuante na nossa sociedade. Por ocasião da construção da nova matriz de São Miguel e da Casa Paroquial, colaborou desde a aquisição do terreno e



lançamento da pedra fundamental. Fez parte, como tesoureira, da comissão de senhoras que organizavam bingos, festas e eventos visando a arrecadações para as obras.

Considera que sua principal colaboração para a cidade que a acolheu tão bem, e com a qual se identifica, foi a de ter fundado, em 1967, inspirada em trabalho semelhante existente em Lorena, o SOS – Piquete (Serviço de Obras Sociais). A idéia de trazer o movimento para Piquete tinha o sentido de fornecer assistência à população carente e desempregada, distribuindo cestas básicas e orientando as famílias por meio de um balcão de empregos. O SOS dava cursos de formação e orientação às famílias. A entidade recebia uma verba do governo do Estado, que, infelizmente, não cobria as despesas para atendimento às famílias. Era preciso arrecadar dinheiro por meio de doações dos comerciantes e da comunidade. O SOS conseguiu erradicar a mendicância na cidade. Os desempregados eram cadastrados e recebiam, por três meses, cestas básicas e ajuda médico-hospitalar.

Apaixonada por Piquete, de sua janela que dá para o pico da Meia-Lua, agradece, diariamente, estar aqui, de onde não pensa e não quer se afastar.

Feliz Ano Novo! Que tudo se realize!

As comemorações do Ano Novo são revestidas de eventos apoteóticos no mundo todo. Alguns lugares foram transformados em ícones da comemoração da data, como a “Avenue Champs Elysee”, em Paris, a “Times Square”, em Nova Iorque, Copacabana, no Rio de Janeiro.

Para nós, simples mortais, as comemorações são também muito especiais. Traduzem-se em reuniões familiares e de encontro de amigos, aguardando que os ponteiros do relógio se sobreponham à meia noite, para, num rompante de alegria, sorrisos, abraços, todos se cumprimentem. Uns riem, outros choram de alegria, saudades... Votos de feliz ano novo, que os sonhos se realizem... O que mais aprecio é que os sonhos se realizem. A meu ver, o maior significado dessas comemorações é: Ano Novo, Vida Nova. Ano Novo, todo ano tem... Vida Nova é o que merecemos: significa mudanças de propósitos, melhoria, redirecionamento, busca do correto, esquecer velhas rusgas, perdão. Mais que isso, no atual momento, é ser solidário, ético, responsável e, principalmente, usando o chavão moderno, “politicamente correto”.

Ser politicamente correto exige postura diferenciada. Pais: que sejam mantenedores e orientadores de seus filhos. Empresários: que remunerem com justiça seus empregados. Médicos: que tragam a cura do corpo e da alma. Professor: que seja direcionador para no futuro ser lembrado como “mestre”. Advogado: que defenda os direitos. Juiz: que promova a justiça. Promotor: que defenda a sociedade. Dirigentes religiosos: que promovam e vivam os ensinamentos de Cristo.

O que realmente desejo é que os Artistas nos encham os olhos com o belo e mexam com nossa sensibilidade. Que o Engenheiro construa e crie para o bem e a paz. Que o Poeta crie para o nosso coração. Que o Músico nos faça sonhar, construindo acordes de alegria. Que as Crianças possam crescer com esperança. Que os Jovens possam ter oportunidades de projetar seus caminhos. Que os Velhos possam viver com dignidade e transmitir a riqueza da experiência. Que os Governantes tomem consciência e atitudes de verdadeiros representantes da sociedade. Que nossas Florestas sejam preservadas. Que nossos Rios sejam recuperados. Que o nosso Esgoto seja tratado. Que a Estação Rodrigues Alves seja restaurada.

Por fim, que os piquetenses possam ter esperança no futuro desta cidade. São meus votos para o Ano Novo e que tudo se realize. **Ana Maria de Gouvêa**

A Matriz de São Miguel e a Casa Paroquial em construção. Foto dos anos 60.



Foto arquivo Pro-Memória

O protetor dos pássaros

*“Aparecem as flores no campo, chegou o tempo da poda, a rola já faz ouvir seu canto em nossa terra.”
“Cântico dos Cânticos” (texto bíblico sapencial atribuído a Salomão)*

E a rolinha ia, embalada pelo equilíbrio das asas, nas correntes de vento, sopesando as gotículas de umidade balanceadas nos efeitos térmicos – planava e retomava velocidade, rumava com destino!

A pipa, estimulada pelas mãos ágeis do menino, subia e baixava; a cauda em arabescos, no desenho doido que o peso do ar permite na leveza do artefato. Revestida de sol, tinha as faces inundadas de brilho, e desse fazia espelho e reflexos. Comandada, entretanto, pelo fio que a prendia ao emissor, era cada vez mais alta, na dança frenética dos empuxos do destino buscado ao sabor da aventura, errática. No fio, o cerol assassino: proibido, renegado, procurado no afã da anulação dos competidores. Librava-se na tragicidade dos donosos cortes. Simulava cimitarras em noites densas. Fios dotados de cerol, raios de luz cambiantes, fogosos devaneios, vôos acelerados em flecha e abusos, busca do mais alto. Eis que, de repente, a rola encontra o fio com cerol e este a corta pela asa, em declinação imediata. Cai a rolinha, desatinada. Arrasta-se como pode no piso cimentado: é dor e estupefação! O que deixou para trás? Um ninho e seus filhotes, uma promessa de amor, um momento de poesia, um devaneio enlouquecido. O coraçãozinho disparado agita nervosamente o corpo prisioneiro da base limitadora.

O protetor dela se aproxima, compassivo. A rolinha de pequenos olhos redondos estremece no contato das mãos no abrigo: “Acaso vistes, vós, o amado de minha alma?” Dele, espera uma réplica: “Levanta-te, minha amada, minha rola, minha bela, e vem!” As mãos aquecidas do protetor em abrigo são “como o leito durante a noite”, no côncavo de um ninho em formação. A rola queria ouvir o amado: “Tens lábios, minha esposa, são favo que

destila o mel, sob tua língua há leite e mel e o perfume de tuas vestes com todos os melhores bálsamos é a fonte dos jardins, como um manancial de água corrente.” Então, “desperta, vento do norte, e vem, vento do sul: sopra no meu jardim para que se difundam os seus aromas.” O protetor sabia desses versos, dos mais belos do amor, e apoiando a rola ferida, procurava lugar seguro para repouso e alimento. Encontrou o vão abaixo do tanque, fechou a entrada com uma trave de tábuas, por onde, em intervalos regulares, o ar passava, mas não o sol inclemente ou a chuva tempestuosa. Providenciou alimento e água, e a rola assustada, asa torta arrastada, se conformava ao abrigo improvisado. Ah, estava solitária. Até quando...

Protetor e protegida irmanavam-se nas categorias diferenciais das espécies, como criaturas de Deus, conhecedores das mensagens do jovem de Assis, despojado dos bens terrenos. Protetor e portador da humildade edificante no modelo assumido, via na rolinha a irmã com promessa do Absoluto, finalmente desvendado. A rola aquietou-se, aceitou o abrigo e deitou-se: “Eu durmo, mas meu coração vigia. É a voz do meu amado a bater.”

Dias depois, um vento forte abateu a palma do coqueiro jerivá. Balançando em precipício, um ninho e seu filhote implume. Os pais ausentes, na busca do alimento. Pendurado, o filhote do beija-flor, aturdido, reconhece o perigo.

O protetor, ao guardar suas próprias asas metálicas na garagem do abrigo, flagra o pequenino pássaro desabrigado. O coração acelerado da ave vibra em correntes enlaçadas tragicamente às dele, protetor. Vibram em uníssono no tempo descompassado da iminência do acaso

prejudicial: o protetor busca astúcias e o filhote, segurança.

Que fazer?

O protetor arma uma estratégia. Contorna o espaço murado que separa o coqueiro do lado exterior. Desde a rua e busca a paralela, onde um portão intermedeia o buscador do socorro e o guardião do espaço fechado. Encontra-o, felizmente.

Aviso feito, e explicações bem colocadas, levam o procurado guarda para a busca do local do indigitado ninho.

Encontra-o, familiarizado que é com essas criaturinhas aladas, e sabedor de seus truques.

O protetor retorna ao ponto de observação. Vê, satisfeito, a missão cumprida.

Mudado de lugar, o ninho intocado, e o protegido em outra palma, mais segura. Dois pequenos pássaros sobrevoam a realização da estratégica ação. Um deles pia constantemente, com a ênfase das mães zelosas de seus filhos. Este sobreviverá e, já portador de seu roteiro, cumprirá o que lhe foi reservado pela vida, experimentando, nas primeiras emoções, testemunho do amor universal unificador. Decifrado o enigma do primeiro código, entre os perecíveis terá o comando na corrente da perpetuação das espécies, e ligado como ele será mais uma das garantias de que, mesmo nas ambigüidades das ações entre os seres dotados da razão, é a sabedoria do amor o principal sustentáculo.

Talvez seja essa uma meditação fértil para os dias da quadra de um Natal, na busca de um Ano Novo. A inspiração do Cântico dos Cânticos moveu-me para essa busca da inocência do paraíso.

Dóli de Castro Ferreira,
no Natal de 2001

Artista plástico revelado pela FCR é destaque em São Paulo

Artista plástico revelado pela Fundação Christiano Rosa, Luciano de Almeida foi destaque na 12ª Exposição Franciscana de Presépios realizada no claustro do convento de São Francisco de Assis, em São Paulo, com a obra “Os predileitos do Senhor”.

Em 1999, um trabalho com o mesmo tema feito pelo artista para exposição da FCR mereceu o reconhecimento da Profa. Dóli de Castro Ferreira: “Luciano excede-

se na perfeição dos traços, no acabamento das formas, nos detalhes expressivos e nos símbolos modelados(...). Para combinar com a mensagem do nascimento, o Natal dos excluídos, das prostitutas, dos flagelados, dos sem-terra, sem-teto, desvalidos, aqueles que o Evangelho anuncia a nos preceder no Reino Supremo. Também a presença do índio, do negro e do branco, acima dos entulhos dos preconceitos, desvelando a presença divina. E ainda mostrando nesse grande encontro a presença indesejada dos encarcerados esquecidos, do trabalho infantil, dos famintos de toda ordem, dos enfermos abandonados e dos marcados pela morte desacompanhada, numa trajetória de lágrimas em que somente uma redenção eterna apresenta-se como esperança. É pleno de sentidos este trabalho de Luciano.” Em dezembro passado, a obra exposta em São Paulo mereceu destaque em noticiários da Rede Globo de Televisão, no jornal “Estado de São Paulo” e na revista “Caras”, na qual a atriz Beatriz Segall, ao visitar a mostra do claustro de São Francisco, destaca o

trabalho de Luciano. “Todas as obras são lindas, mas me chamou atenção a que trata dos deserdados da sorte, que o autor definiu como ‘Os predileitos do Senhor’. Ao retratar doentes terminais, homossexuais, prostitutas, presos e outros excluídos da sociedade, o artista assegurou a dignidade aos personagens. Em vez de despertar pena, despertou respeito”, observou Beatriz, encantada com as delicadas esculturas de cerâmica pintadas a frio.

Detalhe de “Os Excluídos”, do acervo da Fundação Christiano Rosa.



Foto Alzira Beckmann



Foto Alzira Beckmann

“Os Excluídos”, obra na qual foi inspirada “Os predileitos do Senhor”.

Mais uma estrela brilhando

João Vieira Soares

Do contrerrâneo e amigo Wanderley Sardinha recebi um exemplar de sua obra “Narrativas Piquetenses”, autografada com amável e delicada dedicatória. Agradeço-lhe, penhorado, a gentil oferta.

Li o seu conteúdo, vagarosamente, e fui anotando tanta coisa importante ali contida. Iniciei a leitura pelas “orelhas” e sobre-capas do livro, saídos da pena brilhante da professora doutora Marlene Sardinha Gurpilhares, professor Francisco Máximo Ferreira Netto e João Sardinha, e mais ainda o vibrante prefácio de autoria da historiadora professora Dóli de Castro Ferreira, cujos altos conceitos emitidos bastariam para enaltecer o valor literário das narrativas.

No final da apresentação, o autor afirma: “Desejo que os amigos de Piquete encontrem nas páginas do livro recordações de fatos aqui vividos e lembranças que lhes tenham chegado por meio de estórias contadas pelos antepassados. Se tal acontecer, sentir-me-ei imensamente gratificado.”

Pois eu sou um desses felizardos que, no relato dos acontecimentos, fui anotando alguns fatos de que participei diretamente e outros apenas como testemunha ocular, os quais citarei mais adiante.

Numa linguagem simples, à maneira coloquial e de forma envolvente em períodos não longos e, por isso mesmo não cansativos, embora com riqueza de detalhes, tudo ali é de fácil compreensão.

À proporção que a leitura prosseguia, ia me identificando com alguns fatos narrados, como segue: à página 26, é citada a pessoa de Inácia, uma das moças mais lindas de nossa terra. Trata-se de minha tia (por afinidade), Inácia Gonçalves, casada com meu tio Luiz Gonzaga de Meireles.

Sobre o quartel da Fazenda Amarela (pag. 35), lembro-me de que meu pai e eu fomos, várias vezes, na década de 20, mascatear frutas e guloseimas com os militares lá aquartelados. O professor Luiz de Castro Pinto, lembrado à página 46, foi meu ilustre Diretor, no Grupo Escolar de Piquete.

Quando da limpeza da Represa (página 49), eu e meus familiares também recolhemos, vivos, muitos lambaris, traíras e bagres que rodavam meio desorientados, da mesma forma que lamentamos a morte dos peixes envenenados pelos poluentes despejados pelas oficinas da Fábrica, no Rio Sertão.

O armazém que comprava as bandas de toucinho, vindas da Fazenda do Embauzinho (pág. 50), pertencia ao meu pai José Vieira Soares. O Nhozinho Bittencourt (pag. 56) foi meu colega de trabalho, na Fábrica. O nome completo do “seu Nuno Farmacêutico” era Nuno José de Oliveira. (pág. 56). Fui várias vezes à sua casa, buscar doses de beladona, “aconitum”, camomila e outros produtos homeopáticos para meus irmãozinhos acometidos de doenças caseiras. Na minha infância, conheci Nhá Gregória, bem velhinha, vivendo sozinha num rancho dentro da chácara do Sr. João Roque, na região da Raia.

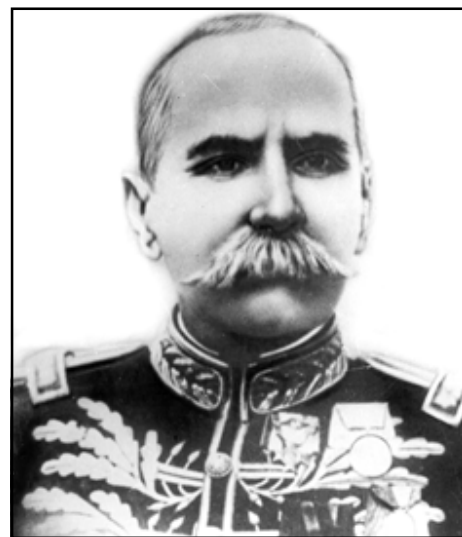
No capítulo que fala dos “Abreus de Piquete” (pág. 102), lembro-me de que minha sogra Mariana de Abreu e seu irmão Antônio de Abreu referiam-se às regiões do Ronco e Vargem Grande, onde seus ancestrais e eles mesmos sempre viveram, o que me leva a crer que essa família também era descendente dos escravos vindos de Angola e Guiné, na África.

Sobre a vida do autor, tudo nela é muito relevante. Sua infância e adolescência passadas praticamente dentre da área militar da Fábrica, ele conheceu pessoas e participou de fatos ali ocorridos, podendo falar, com conhecimento de causa, de tudo que observou e viveu, como as pequenas represas, o aqueduto, as estradas vicinais, os afluentes do rio Sertão e o abrigo anti-aéreo, na Vila Militar, tudo isso ignorado pela atual geração piquetense.

E, sobretudo pela sua magnitude, os fatos relacionados com a Revolução Paulista de 1932, quando a Fábrica exerceu uma ação preponderante por meio de pesquisas realizadas pelos seus engenheiros químicos a fim de obterem o explosivo trotil, com viagens constantes a São Paulo, num intercâmbio com os engenheiros da Escola Politécnica. Na minha estada na capital, como funcionário da Fábrica e participante da Revolução Constitucionalista, tive ocasião de ver, na Escola Politécnica, o Projeto da arma “lança-chamas” e o fabrico de granadas e outros explosivos. O “trem-blindado” já trafegava normalmente.

Muito relevante tudo isso, como relato histórico. Mais relevante, porém, é a trajetória existencial do autor. Filho de família simples e comum, de pais sem qualquer vestígio de linhagem nobre, mas que souberam doar aos filhos dignificantes exemplos de vida honesta e útil aos seus semelhantes e à Pátria, Wanderley soube aproveitar bem os ensinamentos paternos. Menino pobre, conseguiu, com inteligência e esforços próprios, fazer brilhante carreira no Exército, galgando altos postos na hierarquia militar.

E para completar suas grandes vitórias, agora nos brinda com uma destacada peça literária. Com suas “Narrativas”, Wanderley Sardinha é mais uma estrela brilhando no firmamento da constelação dos piquetenses que já produziram obras literárias: Paulo Pereira dos Reis (“O Colonialismo Português” e “A Conjuração Mineira”), Mariinha Mota (“Vida a Fora – Obra em prosa e verso”), Célia Aparecida Pinoti (“Onda Rola – Poemesias”), Sérgio Maduro (“Clarecências”), Carlos Vieira Soares (“Folclore de Piquete – Pequena Contribuição”), Myrthes Mazza Masiero (“Poemínimos...”), Palmyro Masiero (“Piquete de meus Amores”), João Vieira Soares (“Minha Terra... Minha Gente... Minha Vida... – Memórias”), João Gomes Sardinha (“Fragmentos – Poemas”), Domingos Vidal (“Memórias de um Casal de Linha”), Jorge de Andrade Costa (“Genealogia da Família Moreira Andrade”), Dóli de Casto Ferreira, premiada como vencedora do Concurso de Contos “Osmar Muniz Pimentel”. E novas estrelas virão a brilhar, naturalmente.



Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, Ministro da Guerra no governo de Campos Salles.

O início das obras militares em Piquete

No dia 11 de janeiro de 1902 chegava a Piquete, a convite do Barão da Bocaina, uma comissão chefiada pelo Ministro da Guerra, Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, encarregada da escolha dos locais para instalação de uma fábrica de pólvora sem fumaça e um sanatório militar. Além do Ministro, a comissão era composta pelos senhores General Carlos Eugênio, diretor de Engenharia, Major José Vilela Tavares, Capitão Eugênio José Calazans e o Capitão médico Dr. Antônio da Silva Cruz.

Foram calorosamente recepcionados pela população de Piquete. A pequena Vila, recém-emancipada, vivia presa a um passado agrário escravocrata, em que a monocultura cafeeira fez a fortuna de poucos, amargava uma vida modorrenta, sem perspectiva de desenvolvimento para seus moradores. À frente da administração municipal, nossos governantes exercitavam um modelo político arcaico, sem conseguir apontar caminhos para o desenvolvimento. Continuamente lamentavam a falta de recursos e de apoio do governo central. Não conseguiam romper a inércia em que se encontrava o município.

Daí, o entusiasmo com que a Vila foi tomada com a vinda do Ministro. Anteviam para a região uma nova era de prosperidade que se iniciaria com as obras militares.

Após a escolha do local para a instalação da fábrica e do sanatório, tiveram início as obras do ramal férreo e do sanatório.

Em 3 de fevereiro de 1902 chegou a Lorena o antigo 12º Batalhão de Infantaria, tendo o Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo conseguido de sua tia, D. Angelina Moreira de Azevedo, mãe do Barão da Bocaina, autorização para que fosse instalado gratuitamente na “Fazenda Amarela”. Esse batalhão militar veio construir o ramal férreo, com um efetivo de 450 homens sob o comando do Cel. Francisco Agostinho de Melo Souza Menezes. Ao mesmo tempo, formou-se a “Comissão Construtora do Sanatório Militar de Lavrinhas”.

Devemos ao Exército Brasileiro e às obras militares na região o renascimento de Piquete.

AC

Crônicas Pitorescas

Os domésticos

Palmyro Masiero

Tenho em casa dois animais domésticos: um cão e um gato. Existe, entretanto, um terceiro...

Sempre fui chegado a cachorro, mas depois que perdi um grande amigo, chamado Cavaléu, desencantei-me e por egoísmo deixei de querê-los. Meu cunhado desincumbiu-se de uma cadelinha que não sei onde arranjou, deixando-a em casa. Pouca importância deram ao fato de eu não aceitar. Sou minoria absoluta e ela cá ficou. A espevitada cachorrinha recebeu o lindo nome de Sabrina e foi a coisa mais maluca que já respirou por essas bandas.

Sabrina era da mais elevada, pura e fina estirpe da raça dos vira-latas. Com o advento da lei dos sacos plásticos, foi encerrada essa dinastia e surgiu uma nova a que, em homenagem a ela, colocamos o nome científico de “Sabrinus rasgu-sacorum”. Característica maior é a facilidade em rasgar com as unhas os sacos plásticos para examinar o conteúdo. E garanto que não é por fome, não. Propriedade da raça mesmo!

Mas tive que desfazer-me dela quando tornou-se cachorra-moça. Era sem vergonha pra cachorro! Quando ficou no cio, deu seu endereço para a cachorrada de todos os bairros. Não marcou hora para atendimentos, de maneira que, quando chegava em casa, era uma dificuldade entrar, tal a quantidade de cães das mais variadas espécies e tamanhos que ali aportavam. Cachorrada conosco! Os bandidos, ao invés de se organizar em fila, cada um aguardando sua vez, partiam pro cacete! Latidos, ganidos, ronqueiras, um escândalo que não deixava ninguém dormir. Ninguém do quarteirão! Resultado da anarquia: meses depois, uma maternidade cachorril em casa. Três cadelinhas e um machinho. Só após muita bronca, ao ponto extremo de “ou os cachorros ou eu!”, foi que consegui que ficassemos apenas com o macho. E tenho minhas dúvidas se a decisão desejada pela maioria foi essa mesma ou se foi imposta pela prensa emocional. Havia uma condição, entretanto: dar sumiço na mãe. Contra a vontade de todos, desfiz-me da Sabrina, pois ela estava envergonhando o bairro inteiro e

foi a solução para que toda a comunidade não ficasse mal falada.

O que ficou, segundo na genealogia dos rasga-sacos, foi batizado com o brilhante nome de Pitágoras (Pita, para nós íntimos) e é preto, como o atual amor entre Irã e Iraque. Embora desde pequeno fosse preso para que se tentasse uma mudança na sua gênese, o bandido conseguia sempre escapular da corrente e livrar-se. Ganhou a liberdade, já que era perda de tempo tentar prendê-lo. A natureza falou mais alto. Anda livre como o vento, “saqueando” por aí, pelo hábito ou condição genética.

Uma coisa é certa. O nome que lhe foi imposto é impróprio; seus cálculos nunca dão conjuntos-verdade, mas conjuntos de curativos. Em três meses conseguiu ser atropelado cinco vezes. Ou talvez estejamos enganados e seu objetivo, seu sonho maior, seja o de entrar no livro de recordes do Guinness, como o cão mais atropelado da história! Tudo é possível a um descendente da Sabrina. Com dois anos parece um Ford 29, de tanto conserto. E andando! Preto como é, se não tomar cuidado, vai virar remendo de asfalto logo logo e vamos ter que agüentar choradeira lá por casa.

Falei, inicialmente, também de um gato. De gatos eu não gosto. Pois pintou um amarelinho lá em casa (dizem que apareceu, mas não creio muito) e foram levando-me na conversa, que era só ficar maior que presenteariam alguém com ele... Tempo andou, correu, disparou e ele continua “na de ficar maior”. Só se for de idade. Está aqui um gatão amarelo, dono absoluto da casa. Não lhe dou intimidades, mas o gatuno me olha e leio em seus pensamentos: “Esse coroa não tá com nada!”. Tenho certeza de que ele tira o maior sarro com minha cara! Dou-lhe, como vingança, desprezo.

Por enquanto ele se chama Juliano. Essa dúvida advém de nossa ignorância sobre o sexo dos gatos. Agora, que está uma boêmia noturna, é que se vai ver, dentro de algum tempo, se não se terá que rebatizá-lo Juliana.

Dois animais domésticos em casa. O terceiro? Tenho que reconhecer; o mais domesticável de todos: eu!

Princesa Isabel no novo milênio?

Celso Colombo

A história do Brasil registra acontecimentos de toda ordem que mostram os caminhos percorridos pelo nosso povo. Assim, são relatos históricos o nosso descobrimento, as capitânias hereditárias, a vinda da família real portuguesa às terras tupiniquins, a independência às margens do riacho Ipiranga, a Monarquia que coroou os imperadores D. Pedro I e seu filho D. Pedro II, o fim da realeza e a criação da República, os tempos da ditadura e os tempos da democracia. A História é, portanto, o retrato vivo de nossa gente, ao longo dos anos, e o conhecimento dela ajuda a entender as nuances sobre o nosso jeito de ser. Em certo momento dela, nosso povo, por meio de um plebiscito, escolheu continuar sendo República, enterrando o sonho de muitos pelo Parlamentarismo e jogando a pá de cal na Monarquia. E por falar em Monarquia, em certo momento de sua existência abriu espaço para que a filha do Imperador, a Princesa Isabel, comandasse os destinos do nosso Brasil. Com poder legitimado e sensível às causas sociais, aboliu, em 13 de maio de 1888, a escravidão no Brasil. Os problemas sociais daquela época eram enormes: emprego, educação e saúde somente para famílias abastadas e próximas ao poder. O povo, marginalizado, assistia a tudo, de forma pacífica, e acreditava em uma esperança como forma de resignação.

O tempo passou e a luz da esperança permaneceu acesa, uma vez que os problemas sociais continuam castigando nossa gente. Esses problemas ainda são graves e será preciso apostar no equilíbrio econômico e político para amenizá-los, a curto e médio prazos. Com a proximidade da eleição pra Presidente da República, nossa gente começa a se identificar com o carisma de uma mulher, governadora de um pequeno estado do Nordeste. Considerando que nossa gente está cansada dos mesmos nomes que há anos freqüentam o palco político, a força desta mulher e sua rápida subida nas pesquisas eleitorais começam a incomodar velhas raposas. Será que teremos uma nova abolição que resgatará a dignidade de muitos brasileiros e a justiça social será, de fato, exercida em nosso país? É muito cedo para qualquer prognóstico, mas, observando que a história e a economia são cíclicas, pode ser que nosso país venha a ter, no terceiro ano do novo milênio, uma princesa Isabel à frente de seus destinos. Tudo agora é uma questão de tempo. Tempo este que se projeta curto, visto que estamos a nove meses das eleições.

“Quero que meus contos cheguem aos leitores como se eu estivesse conversando, contando histórias para eles, na maior intimidade e sem nenhuma literatice.”

Edila van Steen

Anotando

“Quem fica observando o vento, não semeia; quem fica a olhar as nuvens, nunca há de colher. “Ec. 11,4”

Realizou-se, em Piquete, entre 14 e 16 de dezembro de 2001, o 1º Seminário sobre Tropeirismo, liderado pela ASTROCAP (Associação Cultural de Tropeiros e Carreiros de Piquete).

Vários eventos marcaram esse 1º Seminário, como palestras sobre a temática das tropas por Dóli de Castro Ferreira, Adolfo Frioli, Izan Petterle e Toninho Macedo, este último organizador e animador do “Revelando São Paulo”, projeto vitorioso de caráter cultural, voltado para o folclore e as tradições populares do estado paulistano, já contando com 5 anos de sucesso. Entre as cidades do Cone Leste Paulista, Piquete tem comparecido brilhantemente pelo empenho da ASTROCAP e o apoio da Prefeitura.

Grande apoiador e estimulador das ações culturais e das tradições, o diretor do DARC (Departamento de Atividades Regionais da Cultura), José Carlos Zaninotti, esteve em Piquete e, associado aos ideais dos realizadores do 1º Seminário do Tropeirismo, emprestou seu brilho às realizações e seu estimulante empenho para que a semente possa germinar em bom campo de colheitas. Afinal, Piquete vem se destacando no Revelando São Paulo, pela ASTROCAP e

seus componentes, cuja presença tornou-se marcante nas atividades demonstrativas do trabalho diário.

Entre os eventos do 1º Seminário, também foi inaugurada a Casa Cultural Benedito Sinésio Ferreira, homenagem a um dos tropeiros mais celebrados de nosso município, por sua dedicação tanto no trabalho como nas atividades de eventos. Trata-se de memória a permanecer pelo valor do exemplo.

A sala de reuniões da Câmara Municipal abrigou a sessão de palestras, cuja abertura geral foi realizada pelo Prefeito Luiz Carlos Beraldo Leite e o comando das atividades correu por conta do vereador Hugo Ricardo Soares, ambos incentivadores da ASTROCAP.

Finalizado o 1º dia das atividades, foi aberta ao público, com sua iluminação natalina, a Casa do Tropeiro, no recinto Miguel Porcino Ferreira. Como sempre, bem limpa e bem cuidada!

Na parte de lazer, vários momentos foram movimentados por encontros de violeiros, cantores e de apresentação de dupla e conjuntos sertanejos, muito apreciadas pelo numeroso público presente, apesar da continuidade das chuvas.

Fechando os eventos, houve um belíssimo desfile de tropas e cavaleiros, além dos carros-de-boi, após o qual foi servido um almoço tropeiro, muito apreciado pelos participantes.

Ademir Laureano e a esposa Carmem, ao lado dos ajudantes e componentes da ASTOCAP, mais uma vez desdobraram-se para fazer com que tudo se realizasse da melhor maneira.

No trabalho intenso de participação ativa, os tropeiros e carreiros ainda dispunham de tempo para a parte social, a boa conversa ao pé-do-fogo, o atendimento das questões sobre as atividades com as tropas e as de trabalho rural e familiar. Ademir, correndo para todos os lados, inclusive viajando para a capital quando necessário, manteve a alma elevada do movimento, com todo seu empenho e a emoção não disfarçada pelos amigos e pela ASTROCAP. Vai concretizando seus sonhos.

Piquete recebeu, portanto, um importante ato rememorativo de sua história e de seu povoamento. Estivemos todos valorizados. Fazemos votos para que a semeadura seja fértil.

Eventos de Natal da Fundação Christiano Rosa

Procurando abrilhantar o Natal de Piquete, a FCR promoveu uma série de eventos no mês de dezembro. A programação contou com a apresentação, no dia 15-12, de dois corais infantis, na Estação da Estrela: um de Piquete, recentemente formado com alunos da Escola Municipal Maria Auxiliadora Ramos

sob a direção do Prof. Gilberto A. da Silva, e o afinadíssimo “Canto do Canto”, de São José dos Campos, sob a direção de Nívea L. de Carvalho, que apresentou músicas natalinas. Ambos foram muito elogiados pelo público que lotou a Estação Ferroviária Estrela do Norte, toda ornamentada.

No dia 21 de dezembro, pela terceira vez em Piquete, o Grupo Vocalis repetiu o sucesso que faz com que seu público cativo o espere ansiosamente todos os anos. Com seu vasto e eclético repertório, o Grupo se apresentou na Matriz de São Miguel, gentilmente cedida pelo Pe. Severino Cícero, emocionando a todos que a ele assistiram.

A já tradicional Mostra de Presépios, aberta no dia 15-12, com as peças do acervo

da FCR, vem crescendo a cada ano. Destacaram-se dois novos presépios de artesãos de Piquete: um de palha e um sobre a temática dos bóia-frias. Ambos foram muito procurados pelos visitantes. A decoração do Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, em madeira e juta, ficou a cargo de Herbert e Anderson “Sugala”, e foi muito elogiada.



Foto Alzira Beckmann



Foto Alzira Beckmann



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Área da Mata Atlântica preservada pela IMBEL. Aos fundos, na Serra da Mantiqueira, os picos do Focinho do Cão e do Cabrito.

Ecoturismo

2002 é o Ano Internacional do Ecoturismo.

Certamente, por trás desta data está o interesse em despertar nas pessoas que fazem turismo um maior conhecimento da natureza. Com essa ação, muitos turistas se transformarão em defensores do meio-ambiente e lutarão para preservar o local onde as florestas ainda não foram devastadas, os rios lindos e lotados de peixes, aves e animais vivendo de acordo com as leis da sobrevivência. Tudo isso dará aos turistas conhecimento e informações sobre a necessidade da busca permanente pelo equilíbrio ecológico, variável importante para a continuidade da vida em nosso planeta.

Tudo isso também se aplica em nossa Piquete, que tem cerca de 70% de sua área cadastradas como de Proteção Ambiental. Trechos de montanhas íngremes, pequenas cachoeiras, redutos importantes e significativos de Mata Atlântica compõem o cenário ecológico piquetense, que poderia ser apresentado ao resto do país. Temos certeza de que turistas teriam aqui oportunidade de identificar dezenas de aves e animais, pequenas cavernas e áreas virgens de Mata Atlântica sem registros ou catálogos. É só arregaçar as mangas e mostrar trabalho, para Piquete gerar empregos e afastar de muitos piquetenses um conjunto de desconfortos sociais.

Notas da Cidade

□ Mais uma vez o Ano Novo foi saudado com a brilhante queima de fogos no bairro da Caixa D'água. Já no seu 24º ano, o espetáculo proporciona momentos de rara beleza aos piquetenses. O bairro esteve novamente congestionado pela população, que se confraternizava iluminada pelo show pirotécnico.

□ Vários presépios foram armados na cidade. Ao se manter a tradição, revive-se o nascimento do Menino, símbolo do Natal: embeleza-se a cidade e criam-se pontos de visita obrigatórios para a população. Merecem aplausos também os comerciantes do município que, num esforço conjunto, coloriram, com centenas de lâmpadas, as ruas da cidade, proporcionando alegria aos visitantes e moradores de Piquete.

□ A "Casa do Artesão", na entrada da cidade, passou a ser referência obrigatória neste final de ano. Toda decorada, expôs trabalhos de excelente qualidade dos artesãos de nosso município, que estão a venda com preços convidativos. Vale a pena conferir.

□ Realizou-se entre os dias 8 e 14 de janeiro, no Campo do Estrela, o "II Torneio Interestadual de Futebol", que contou com várias equipes de vários estados do Brasil. Com jogos diários, o evento envolveu aproximadamente 750 atletas, que atraíram a população para os jogos. O estádio esteve lotado em todos os jogos.

□ Aconteceu, na Câmara Municipal de Piquete, no dia 07 de janeiro, uma palestra da Defesa Civil do Estado, durante a qual a população e líderes de bairro puderam questionar a situação das áreas de risco existentes em Piquete. Nesse época do ano, a Defesa Civil Municipal deverá estar atenta à quantidade de chuvas.

□ A FCR agradece o exemplar do livro "Diálogo com Deus", de Aparecida T. P. Reis. Parabéns à autora.

□ A ACIAP convoca todos seus associados para a Assembléia Ordinária a realizar-se dia 28-01-2002, às 20h, na Sede do Grupo de Convivência da 3ª Idade, à Praça Duque de Caxias s/n, para eleição e posse da nova diretoria.

Um beco sem saída?

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

Se a existência humana se mostra como abertura radical para o mistério de Deus, se no acolhimento da revelação a inteligência se encontra com a Verdade Suprema e a liberdade encontra sua última razão de ser enquanto poder de auto-realização, surge espontânea a pergunta: Por que muitos se recusam a crer não vendo na divina revelação a pérola-resposta à busca inquieta do coração humano? A encíclica "Fé e Razão", refletindo sobre o texto do Apóstolo Paulo (Rom 1,20-23), mostra como o pecado – um ato de soberba – distorceu a orientação do espírito para Deus. O homem preferiu, e continua sempre de novo tentado a preferir a solidão de uma auto-suficiência enganosa à comunhão com Aquele que se oferece a nós como Pai e Amigo. Trazemos também dentro de nós, como distorção do nosso querer ser, um impulso de auto-afirmação orgulhosa que nos leva freqüentemente a negar o nosso existir como pura gratuidade. Esquecidos dessa verdade, julgamo-nos senhores absolutos de nós mesmos, solitários construtores da história e donos exclusivos do mundo, poderosos, onipotentes. O imenso espaço de nossa consciência fica totalmente tomado por uma auto-imagem inflada do próprio eu, fechado para as relações de reciprocidade no amor, instalado na auto-suficiência, desprovido de qualquer abertura para acolher de outros, sobretudo do grande Outro, o dom de uma comunhão beatificante. A encíclica "Fé e Razão" afirma que o pecado causou "a razão traumas sérios que haveriam de dificultar-lhe, daí em diante, o caminho para a verdade plena. Agora, a capacidade humana de conhecer a verdade aparece ofuscada pela aversão contra Aquele que é fonte e origem da verdade. O próprio Apóstolo São Paulo nos revela como, por causa do pecado, os pensamentos dos homens se tornaram vãos e os seus arrazoados tortuosos e falsos. Os olhos da mente deixaram de ser capazes de ver claramente: a razão foi progressivamente ficando prisioneira de si mesma". ("Fé e Razão", nº 22). Abandonada a si mesma, por sua própria culpa, a humanidade mergulha sempre mais em profunda miséria espiritual e moral, instituindo o caos, a desordem como sua morada permanente. A encarnação do Filho de Deus, obra da misericórdia do Pai pela força-amor do Santo Espírito, mistério de entrega consumado na Cruz e proclamado na Ressurreição, nos liberta da miséria de nosso pecado e do desamparo de nossa triste condição. Em nós pode brilhar nossa beleza original tal como o Pai nos pensou em Jesus Cristo, no qual e para o qual fomos criados. Para isso uma só coisa é necessária: a nossa conversão. É preciso descer do próprio trono. O olhar de nosso Deus se volta para os humildes conforme o proclamou a humilde serva do Senhor no seu hino de exultação, pelas maravilhas operadas pelo Senhor nela e por meio dela, em nosso favor.